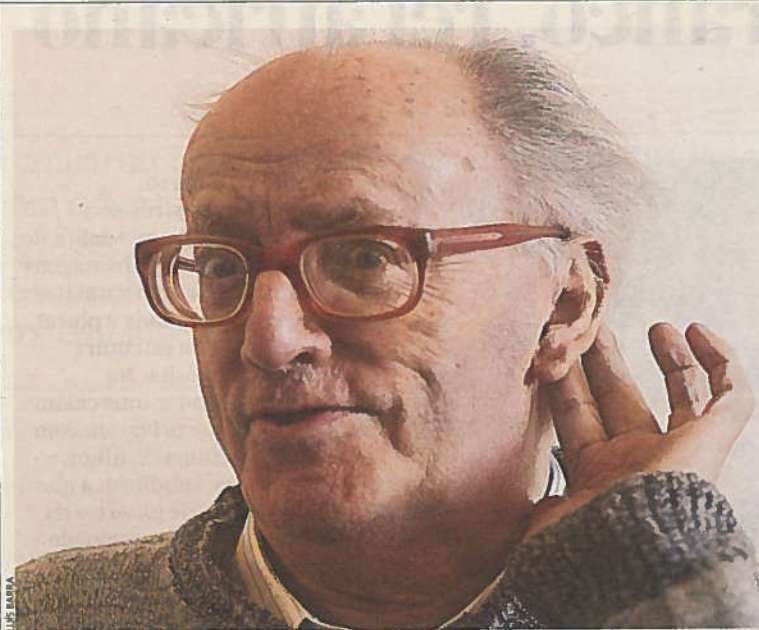


As entrevistas de Luiz Pacheco

António Cândido Franco

Luiz Pacheco criou na entrevista um novo género poético. A primeira que deu, em 1977, ao *Diário Popular*, é o ponto de partida duma vasta e ramificada família. Ao longo de 30 anos, até à morte, em Janeiro de 2008, contam-se 27 entrevistas. Teve anos de três, como 1995, e até de quatro, como 2005. A última, ao semanário *Sol*, saiu já após a sua morte. Era perseguido pelos jornalistas como raras vezes sucede a um escritor – sobretudo a escriba que nunca embolsou sequer um prémio. A entrevista não tinha pois, no seu caso, o sentido vulgar de exposição, promoção e consagração, a propósito dum livro ou duma prebenda, era apenas um modo de continuar pelo oral, numa altura em que os olhos lhe teimavam em cegar, o que sempre o prendera na escrita, a representação autobiográfica, nua e dura, sem desculpas consigo e com outros. No seu caso a entrevista veio dar seguimento à narrativa, à diarística e à crítica em que durante as décadas anteriores ele se expusera até ao tutano e em que tão temido e terrível se fizera, desbarretando escritores como Urbano, Fernanda Botelho, Namora ou o velho Ferreira de Castro.

Bem cedo Luiz Pacheco se deu conta da importância deste novo género; foi ele o primeiro a montar um livro com uma entrevista sua. Falo da entrevista que deu a Baptista-Bastos neste mesmo jornal (JL, n.º



Luiz Pacheco "Criou na entrevista um novo género poético"

174, 5-11-1985) e que pode ser tida como estreia, já que as três questões do *Diário Popular* em 1977 são irrelevantes. É na entrevista de 1985 que ele experimenta pela primeira vez as potências da entrevista tal como a concebe – uma conversa solta, livre, sem freio, à roda dos tópicos diletos – os pais, as mulheres, os filhos, os amigos, os escritores, os jornais, as prisões, as casas, os hospitais. O resultado foi uma prosa viva, ágil, empolgante, com tiradas magistrais de antologia.

Fez pois com a entrevista em 1992

um livrinho. Gostou e, à medida que se adestrava na conversa e as entrevistas se sucediam, repetiu. Em 1996 saiu *O Uivo do Coiote*, com quatro entrevistas, um dos seus melhores livros, com mais duma centena de páginas, a começar pelo título, com uma carga simbólica ferozmente expressiva. Mamífero da família dos canídeos, indómito e indomado, caninos afiados, orelhas pontudas e compridas, esguio e atento, famélico e solitário, eis o retrato certo do autor de *Exercícios de Estilo*.

Mais tarde, numa altura em que o

autor já não fazia planos, menos ainda livros, mas continuava a aceitar gravar para os jornalistas, alguém se lembrou de recolher umas quantas entrevistas para novo volume. Foi o caso de João Pedro George, que recortou 12 entrevistas, juntou um prefácio, uma nota biográfica do autor, um índice onomástico, um inventário de todas as suas entrevistas entre 1977 e 2008 e baptizou o volume com uma rábula que vinha da década de 60, *O Crocodilo que Voa*. O livro saiu póstumo, fevereiro de 2008, não sem antes Pacheco deschapelar o organizador na entrevista que deu ao *Sol*.

O livro é porém bom e fazia falta. Demais tem uma composição primorosa, timbre da editora que o lançou (*Tinta-da-China*). Só se lastima que entre 1997 e 2005 tenham ficado fora da recolha 11 gravações, algumas de excelente linha, como a de Manuel da Silva Ramos, que aguardam ainda hoje o seu volume. Foi este livro que a editora, com o primor gráfico habitual, desta vez em formato de bolso, acabou de reeditar. Saúde-se a reedição e lamenta-se uma gralha contumaz que por lá se repete: *O Uivo do Coiote* não é de 1994 (p. 35) mas de 1996.

Entre o momento da edição do livro de 2008 e o da reedição, o organizador deu a lume uma biografia de Luiz Pacheco, *Putá que os Pariu!* (2011). Aqui as gralhas e os anacronismos flam mais fino e saltam alegremente de edição em edição, três até hoje, sem que uma alma caridosa lhes valha. Deixo aqui uma mão cheia, à atenção de autor e de

editor: o início do segundo parágrafo da página 366 está empastelado; em 1965 Dórdio Guimarães não estava casado com Natália Correia (p. 372); António Maria Lisboa não frequentou o café Gelo: morreu no final de 1953 e as reuniões no café só abriram no final de 1955 (p. 173); a data da edição do livro de Mário Cesariny, *Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano*, está errada (p. 205); *O Jornal de Letras e Artes*, de Azevedo Martins, não se publicava em 1958 ou 1959, pois o primeiro número só apareceu em 4 de Outubro de 1961 (p. 336); Mário Cesariny não era, em 1946, fundador de surrealismo nenhum – a sua adesão ao surrealismo só se deu no Verão de 1947 – nem tinha qualquer "prestígio e reconhecimento no meio" pois estava inédito (p. 533); tenho dúvidas que Herberto Helder em 1958 fosse já funcionário das bibliotecas itinerantes (p. 220); Luiz Pacheco não pode ter conhecido as referências que José Gomes Ferreira lhe faz em *Dias Comuns V. Continuação do Sol*, pois o livro só saiu em 2010 (p. 485). Há mais, mas para começar a limpar uma futura tiragem do livro basta bem.



► Luiz Pacheco O CROCODILO QUE VOA

Organização de João Pedro George,
Tinta da China, 320 pp., 14,90 euros